

Venezuelanos dizem que pagar de nada valeu

por Joe Mann
do Financial Times

A decisão da Venezuela de interromper os pagamentos do principal de sua dívida do setor público aos bancos internacionais foi uma surpresa para a maioria dos observadores. Esperava-se que o presidente Jaime Lusinchi deixasse o problema da dívida para seu sucessor que toma posse no próximo dia 2 de fevereiro, para um mandato de cinco anos.

A Venezuela tem uma dívida dos setores público e privado avaliada em cerca de US\$ 32 bilhões a US\$ 33 bilhões. Embora o governo não tenha esclarecido qual o montante da dívida do setor público afetada pela moratória, a decisão provavelmente envolve cerca de US\$ 20 bilhões da dívida externa total do governo, de US\$ 25 bilhões.

A moratória, anunciada pelo presidente Lusinchi em sua mensagem de fim de ano, está destinada a evitar causar um choque aos bancos internacionais e minimizar qualquer possível dano à avaliação internacional de crédito da Venezuela. A medida não afeta os pagamentos de juros.

O ministro das Finanças da Venezuela, Héctor Hurtado, disse que a moratória afetará apenas os pagamentos do principal sobre dívidas do governo aos bancos internacionais, cobertas por um acordo de reestruturação assinado em 1986 e os pagamentos do principal sobre dívidas do governo aos bancos, que estavam em vigor em 22 de março de 1983 e que não foram reescaloadas.

Excluídas da moratória — que deverá começar no dia 17 de janeiro — estão as categorias seguintes: empréstimos ao governo venezuelano feitos por agências multilaterais e bilaterais; pagamentos do principal sobre bônus do governo emitidos fora da Venezuela; empréstimos concedidos ou garantidos por agências de governos estrangeiros; dívidas comerciais, inclusive cartas de crédito e empréstimos feitos depois de 1983.

O ministro das Finanças disse que uma delegação oficial visitará Nova York neste mês — em duas semanas — para iniciar negociações formais para o reescalamento da dívida do governo afetada pela moratória.

A Venezuela era o único entre os grandes países devedores latino-americanos que continuava pagando o principal de sua dívida pen-

dente. Os venezuelanos argumentaram que esse fato e também seu correto pagamento dos juros da dívida não lhes trouxeram grandes benefícios dos credores internacionais.

As tentativas feitas no final do ano passado para conseguir um novo financiamento dos bancos foram rejeitadas e o governo, cujo aperto financeiro ficou ainda pior devido à queda dos preços do petróleo e de uma taxa de câmbio supervalorizada, que incentivou a fuga de capitais, foi obrigado a procurar outras alternativas. Conseguiu um financiamento de US\$ 1 bilhão do Bank of America e da Salomon Brothers para suas exportações de petróleo, mas a implementação desse acordo foi adiada.